



Póster

Economia Criativa: o uso das redes sociotécnicas para o fortalecimento de ações informativas e socioculturais

Ueliton dos Santos Alves

Universidade de São Paulo
Brasil · ueliton.usp@gmail.com

Marco Antônio de Almeida

Universidade de São Paulo
Brasil · marcoaa@ffclrp.usp.br

Introdução

O trabalho se concentrou em casos de sucesso que reforçam a hipótese de que novas formas de valorizar a criatividade impulsionada pelo poder das TICs estão ajudando não só na preservação da memória cultural de determinadas manifestações, mas também estão criando formas de sustento. Propõe-se uma abordagem cultural das TICs considerando o conjunto de seus componentes: artefatos, conhecimentos, organizações, instituições, símbolos. Ou seja, mais que um conjunto de práticas e artefatos técnicos, trata-se de todo um sistema de relações sociais, com amplas repercussões na constituição da própria sociedade, e consequentemente, na produção, circulação e acesso aos bens culturais. (Almeida, 2010).

Objetivos

Busca trazer para o campo da Ciência da Informação uma discussão a respeito do uso de redes sociotécnicas como uma nova forma de comunicação, organização e produção cultural, apresentando para a nossa área essas novas possibilidades de trabalho baseadas nas práticas colaborativas. Assim, busca-se realizar uma pesquisa que versa a respeito de como o modelo de valorização da criatividade aliado as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) podem fortalecer o setor cultural. O trabalho consiste em analisar como as TICs, aliadas a algumas práticas como o Crowdsourcing e Crowdfunding, podem ajudar a disseminar informações que contemplam aspectos culturais e entender se essas novas formas de comunicação, organização e produção do conhecimento podem promover mudanças que auxiliem os grupos culturais a se tornarem mais independentes. Espera-se também, ao trazer o tema das práticas colaborativas para o campo da Ciência da Informação uma reflexão e apresentar possibilidades para novos estudos a respeito do uso e trocas de informações coletivas.

Metodologia

Promoveu-se uma análise sobre a produção acadêmica das áreas de Ciências Sociais e de Ciência da Informação. Dentro dessas duas áreas nossos conceitos-chave foram: Sociedade em Rede, Redes Sociotécnicas, Cultura, Setor Cultural e Criativo, Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), Economia Criativa, Cultura da participação, Crowdsourcing e Crowdfunding. No enfoque mais propriamente qualitativo, buscou-se compreender as questões estruturais e contextuais subjacentes ao objeto pesquisado, mediante estudos de caso que levaram em conta as atribuições de sentido construídas pelos próprios sujeitos em relação aos fenômenos estudados. A amostragem foi intencional por conta de se tratar de observações em plataformas do ambiente web, no caso do trabalho escolhemos a maior plataforma de crowdfunding do Brasil, a plataforma Catarse. (May, 2004).

Discussão

Discutem-se Globalização e Cultura, as novas formas de se organizar, produzir e preservar manifestações culturais no mundo globalizado. Na chamada sociedade da informação, ou como outros preferem chamar, a sociedade do conhecimento vive-se o antagonismo entre os benefícios e os malefícios, os que amam e os que odeiam a globalização. E no meio dessa briga está o setor cultural, é nesse terreno fértil que resolve-se adotar uso das Tecnologias de Informação e Comunicação como nova ferramenta estratégica para reação de comunidades e indivíduos que se situam na arena cultural atual. (Almeida, 2010) O trabalho aborda um tema bem presente na atualidade, às práticas colaborativas, focando especificamente no crowdfunding filantrópico. Compreende-se que esses tipos de práticas são formados por redes Sociotécnicas baseadas em trocas informacionais e fortalecidas por capital social. Entende-se que esse fato possibilita uma grande aproximação da Ciência da Informação com a área de participação coletiva, e também faz com que haja uma

aproximação com o setor cultural, afinal a participação coletiva é baseada em capital social, e toda atividade que fortalece o capital social por consequência fortalece a cultura. (Sen e Kliksberg, 2010). Podemos dizer que temos uma rede que interliga valores culturais a capital social e quanto mais nos preocupamos em fortalecer essas ligações melhores serão os nossos resultados.

Catarse

A plataforma Catarse e suas contribuições para o setor cultural

A seguir apresentam-se a figura 1, 2 e 3, essas são informações extraída do blog Catarse (<http://blog.catarse.me>), esse apresenta-se como um espaço reservado para disponibilizar os dados que a plataforma alcança ao longo dos anos.

Figura 1: Dados com as áreas culturais que mais foram financiadas por financiamento coletivo

1.000 projetos financiados por categoria

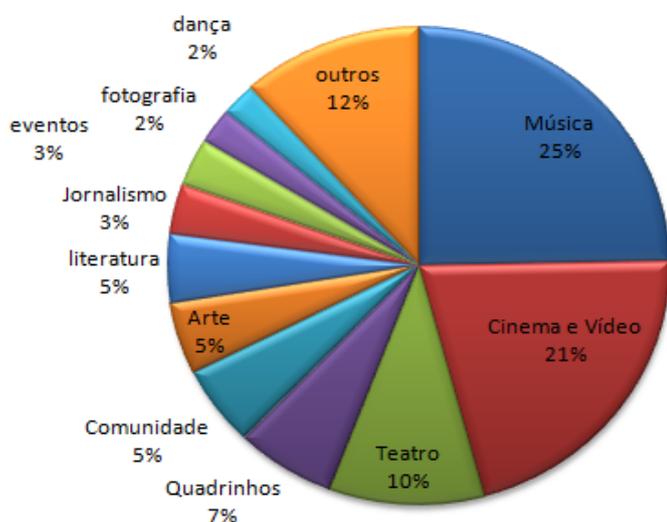
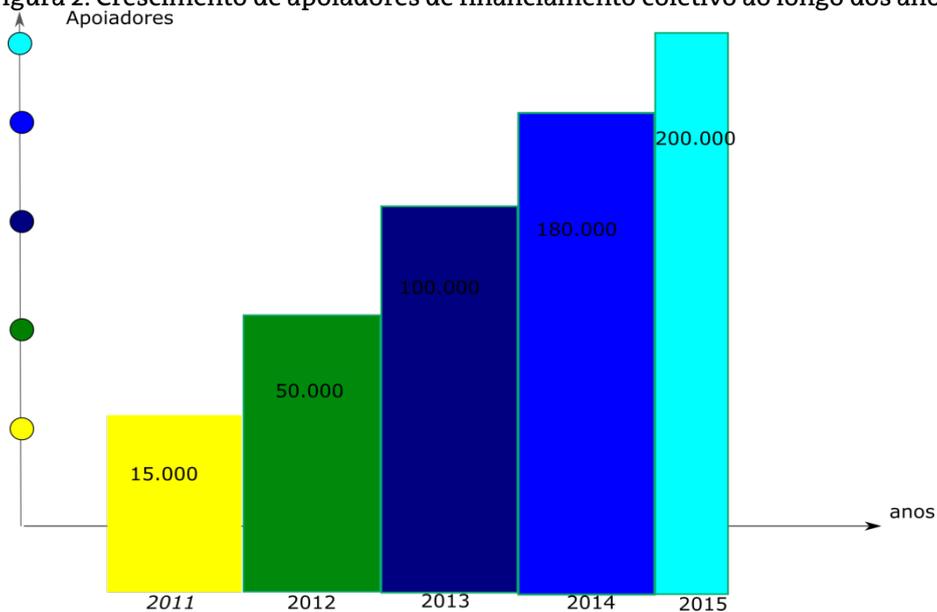


Figura 2: Crescimento de apoiadores de financiamento coletivo ao longo dos anos



Ao analisar os dados apresentados e o crescimento no número de adeptos da plataforma, juntamente com a crescente com que projetos culturais surgiram na Catarse pode-se dizer que a mesma apresenta uma nova forma de produzir e organizar atividades culturais, e mais do que isso, os dados apontam que as práticas colaborativas podem se apresentar como uma alternativa para quem trabalha com cultura.

Figura 3: Categoria de projetos culturais que mais recebem financiamento coletivo
Apoiadores do Catarse já contribuíram com mais de R\$ 30 milhões, que financiaram mais de:

4



A prática de construção coletiva vem crescendo no Brasil e pode ser uma importante ferramenta para o setor cultural. Os dados apresentados demonstram que há um grande interesse dos investidores em financiamento coletivo em investir nas causas que deem um retorno sócio cultural. A figura 5 retirada do site que surge como resultado da pesquisa Retrato do Financiamento Coletivo no Brasil (<http://pesquisa.catarse.me/>) apresenta dados que reforça nossa hipótese.

Figura 4: Dados que demonstram o interesse por financiar projetos culturais



Resultados

Como parte empírica do estudo, apresentam-se duas manifestações culturais que recorreram ao uso do financiamento coletivo para promover suas atividades. O primeiro projeto é a figura 6 e aborda o documentário chamado Cidade Cinza (<https://www.catarse.me/pt/cidadecinza?ref=explore>), trata-se de um filme que promove uma discussão a respeito da atitude de governantes de São Paulo que se veem no direito de contestar o graffiti como arte e resolvem apagá-los.

Figura 5: Dados da arrecadação da campanha na plataforma Catarse



As vantagens do financiamento coletivo para o Cidade Cinza:

- Com 530 apoiadores conseguiu a quantia de R\$ 98.778,00
- Foi possível fazer um documentário de cunho político cultural • Foi possível inserir um filme alternativo no circuito nacional de cinema • Independência de grandes marcas e patrocinadores
- Propiciaram-se encontros presenciais, surgiu uma petição pública para combater a cobertura dos grafittis

Pensando no diálogo com a área de Ciência da Informação e Biblioteconomia, resolvemos apresentar o projeto Bloco do Beco, (<http://www.blocodobeco.org.br/>) que trabalha na zona sul de São Paulo, do lado de lá da ponte, nas beiras do Jardim São Luiz, e que se define uma Associação, fundada em 2002, que visa estimular relações de aprendizagem em crianças e jovens através da arte e da cultura.

As contribuições do Financiamento Coletivo para o Bloco do Beco:

- Com a ajuda de 129 apoiadores arrecadam a quantia de R\$ 20.935,00
- Ampliação do capital social
- Fortalecimento da rede comunitária já existente
- Presença do desejo de participar pessoalmente
- Reforma das instalações do Bloco do Beco
- Ampliação e acesso a atividades culturais
- Impacto social para a comunidade

Figura 6: Dados da arrecadação da campanha na plataforma Catarse



6

Figura 7: Associação Cultural, antes e depois do financiamento coletivo



Blocoteca antes e ao termino da 1ª fase da reforma

Conclusões

Financiamentos como esses são exemplos típicos de que projetos não são financiados somente pelo desejo de ter uma recompensa material, mas sim pelo fato de se sentir participando, de ter recompensas também no âmbito social. Este trabalho, ao abordar essa temática não pretende usar as práticas colaborativas para quantificar as atividades culturais, espera-se com esse estudo alertar para as novas formas de organizar e produzir atividades culturais, e principalmente, trazer o foco sobre esse tema, vislumbrando o uso dessas potencialidades para o contexto da Biblioteconomia e Ciências da Informação.

Foi possível notar que o uso das TICs aliadas às práticas colaborativas cria uma via alternativa para as formas de organizar e produzir atividades culturais. Essas plataformas de construção do conhecimento de forma coletiva nada mais parecem do que ambientes webs criados com a intenção de tornar a produção de informação mais democrática. São espaços de participação onde você compartilha o seu conhecimento que pode interessar a outras pessoas (Shirky, 2011).

Essa nova forma de participação reflete-se na cultura, as práticas colaborativas ligadas ao setor cultural também se tornam mais democráticas. Agora elas podem se fortalecer a partir da ampliação do seu capital social, podendo criar uma rede de conexões sociais que reflete-se em colaborações para tornar a produção cultural mais independente.

Observou-se na pesquisa que quando se trata de atividades culturais as pessoas que financiam os projetos os fazem para fortalecer aquela determinada atividade cultural, ou para satisfazerem seu desejo social de se sentir participando, configura-se uma nova relação social, ao considerar que o apoiador não conhece o realizador, e que no processo de resolver financiar o projeto o apoiador tenha vontade de conhecer o projeto pessoalmente, presencia-se uma relação que sai da esfera virtual e entra para um possível encontro presencial. Esse é outro grande feito das redes Sociotécnicas, elas possibilitam que as relações que acontecem no ambiente on-line, possam ser transferir para o ambiente off-line. (Almeida, 2010).

Necessariamente essas plataformas dependem de informações e capital social, nesse caso vemos a Catarse como uma plataforma que reúne as duas coisas. Por um lado ela funciona como um catálogo de projetos culturais, por outro funciona como uma rede Sociotécnicas na qual o capital social de um realizador pode servir para outro, pois a partir do acesso à plataforma você não visualiza somente o projeto de seu amigo, mas sim tem acesso a todo o catálogo de projetos disponíveis na plataforma.

Em suma, vive-se um mundo globalizado, com suas tecnologias e sua enormidade de informações disponíveis, em que o acesso aos recursos tecnológicos ainda não são para todos e apresentam muitas discussões sobre seus reflexos para o setor cultural. Portanto sem falsa ilusão, esse estudo trabalha na linha mais otimista, e busca mostrar que há potencialidades para desenvolvimento, o problema não está no processo de globalização, ou no uso das tecnologias, mas sim nas formas criadas para que as desigualdades no uso dessas potencialidades diminuam. Para isso, acreditamos que os processos de participação e construção de conhecimento coletivo podem ser uma importante ferramenta para essa luta, principalmente para o setor cultural.

Referências

Almeida, M. A. de (2012). Habermas e as apropriações culturais das TICs: rumo a ciberesferas públicas? *Revista Problemata*, 3, pp 127,156.

Almeida, M. A. de (2010 Janeiro/Junho). Mediações tecnossociais e mudanças culturais na Sociedade da Informação. *Revista Em Questão*, 16(1), pp 113,130.

Benhamou, F (2007). *A economia da cultura*. Cotia, SP: Ateliê Editorial.

Brabham, D. (2008). Crowdsourcing as a Model for Problem Solving, An Introduction and Cases. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, London, Los Angeles, New Delhi and Singapore, 14(1), 75-90. Recuperado em: 07/07/2015 de http://www.crowdsourcingverband.de/wp-content/uploads/2013/01/Brabham_Crowdsourcing_Problem_Solving.pdf.

Canclini, N. G. (1997). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP.

Capurro, R. (2003). *Epistemologia e Ciência da Informação*. Belo Horizonte, Recuperado em: 07/07/2015 de http://www.capurro.de/enancib_p.htm

Catarse. Como funciona a seleção de projetos no Catarse? Recuperado em: 07/07/2015 de <http://suporte.catarse.me/hc/pt-br/articles/202446018-Como-funciona-a-seleção-de-projetos-no-Catarse->.

Catarse. De onde vem o dinheiro que financia os projetos? Recuperado em: 07/07/2015 de <http://suporte.catarse.me/hc/pt-br/articles/202445878-De-onde-vem-o-dinheiro-que-financia-os-projetos->.

Catarse. Diretrizes para a criação de projetos. Recuperado em: 07/07/2015 de <<http://suporte.catarse.me/hc/pt-br/articles/202387638-Diretrizes-para-a-criação-de-projetos>>.

Catarse. O que é e como funciona o Catarse? Recuperado em: 07/07/2015 de <<http://suporte.catarse.me/hc/pt-br/articles/201982466-O-que-é-e-como-funciona-o-Catarse>>.

CROWDFUNDING.ORG. Crowdfunding. 2014. Recuperado em: 07/07/2015 de <<http://www.crowdsourcing.org/community/crowdfunding/7>>.

Fleury, L. (2009). Sociologia da cultura e das práticas culturais. São Paulo: SENAC, **Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A.** (2011). Métodos de pesquisa para a internet. Porto Alegre: Sulina.

Howe, J. (2009). O poder das Multidões. Rio de Janeiro: Elsevier.

Howe, J. (2006 Junho). The rise of crowdsourcing. Wired. Recuperado em: 08/07/2015 de http://www.wired.com/wired/archive/1406/crowds.html?pg=2&topic=crowds&topic_set=.

May, T. (2004). Pesquisa social: questões, métodos e processos. (3a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Miller, T. (2011 Janeiro/Junho). Cidadania Cultural. Revista Matrizes, 2, pp.57,74.

Oliveira, V. (2012). O crowdsourcing a frente da mídia colaborativa e democrática: uma perspectiva cidadã para web 2.0. Recuperado em: 08/07/2015 de <<http://www.unicentro.br/redemc/2012/artigos/34.pdf>>.

Thompson, J. B. (1998). A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes.

Sen, A. & Kliksberg, B. (2010). As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado. São Paulo: Companhia das Letras.

Silva, B. C. da (2012). Crowdfunding uma alternativa para o financiamento de atividades culturais. Monografia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói, RJ, Brasil. Recuperado em: 08/07/2015 de <http://tagcultural.com.br/wp-content/uploads/2013/03/0063.pdf>.

Shirky, C. (2011). A cultura da participação: criatividade, generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar.

Shirky, C. (2012). Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar.

Valiati, V. A. D. (2013). Crowdfunding no cinema brasileiro: um estudo sobre o uso do financiamento coletivo em obras audiovisuais brasileiras de baixo orçamento. Dissertação de mestrado, Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Yúdice, G. (2006). A Conveniência da Cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: UFMG.

Warschauer, M. (2006). Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate. São Paulo: Ed. SENAC.

Wikipédia. Crowdsourcing. 2014. Recuperado em: 08/07/2015 de <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Crowdsourcing>>.